

CONHECENDO  
AS ABELHAS NATIVAS  
DO  
SEMIÁRIDO NORDESTINO

*Paulo Romero de Farias*

© Paulo Romero de Farias

José Halley Winckler  
idealizou esse projeto de divulgação da meliponicultura.

Mario Tessari  
propôs a escritura, incentivou e apoiou.

Paulo Romero de Farias  
escreveu o texto.

Mario Tessari  
ajudou a organizar o texto e diagramou esta edição.

Mauro Tessari (CRB-SC 14/002)  
elaborou a FICHA CATALOGRÁFICA

Farias, Paulo Romero de.

Conhecendo as abelhas nativas do semiárido nordestino / Paulo Romero de Farias. – João Pessoa :  
Edição do Autor, 2014.

1. Abelha-sem-ferrão - Literatura infanto-juvenil. 2. Melípona – Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028. 5  
595. 799  
638. 1

CONHECENDO AS ABELHAS NATIVAS DO  
SEMIÁRIDO NORDESTINO

## *A VISITA DO ASEFE À PARAÍBA*

Fiquei muito satisfeito depois da conversa que mantive com os pais do Asefe, pois eles me disseram que o menino queria muito vir passar as férias do meio do ano aqui na Paraíba.

Sempre fiz o possível para incentivar novos meliponicultores a conhecerem e estudarem as nossas abelhas nativas; pois, não adianta criá-las sem saber a maneira correta de manejá-las. E as crianças têm me surpreendido com a vontade de aprender cada vez mais os detalhes do manejo com as nossas abelhas indígenas.

Como eu iria receber o Asefe aqui em casa, aproveitei e dei uma organizada no meliponário urbano que mantenho aqui em João Pessoa.

Troquei algumas proteções contra lagartixas, realizei a limpeza da área, ajeitei algumas telhas e instalei mais algumas prateleiras, onde serão colocadas as caixas das próximas multiplicações de jandaíra e uruçu nordestina, que farei com a ajuda do Asefe.

Após um pequeno atraso no voo, surge aquele menino com cara apreensiva e procurando me encontrar dentre as pessoas que estavam na recepção do aeroporto. Quando ele me viu, já veio correndo e, após me abraçar, já começou a falar sobre o voo e como estava ansioso para ver os animais e as plantas; principalmente, as abelhas nativas da região nordeste que ele só conhecia pela TV e pela Internet.

-Não se preocupe, pois farei o possível para que essas férias sejam especiais – disse-lhe, com a certeza que aquele menino se surpreenderia com as belezas do “meu cariri” paraibano.

O voo chegou de madrugada, por isso dormimos até mais tarde e, quando o meu pequeno aprendiz de meliponicultor se levantou, já foi querendo ir ao quintal ver as abelhas trabalhando... Mas, eu lhe mandei ter calma, que teríamos muito tempo para isso:

-Primeiro tome o seu café da manhã, depois vamos ver as abelhas.

Para ele, tudo era novidade, inclusive no café da manhã: tapioca, queijo coalho, coalhada, macaxeira frita, bolo de milho verde, ovo frito na manteiga de garrafa, suco de cajá, ...

## *MULTIPLICANDO IDEIAS*

Depois do lanche matinal, finalmente fomos ver as abelhas nativas. Foi lindo ver a admiração do Asefe com a grande movimentação das abelhas nas flores do Mutre... Jandaíras, uruços nordestinas, moça-branca, manduri rajada, cupira e mirins; todas n'um vai-e-vem frenético, colhendo o precioso néctar e voltando para o interior da caixa.

-Paulo, essa planta tem flores o tempo todo? – perguntou admirado com a beleza das suas flores brancas...

-Sim, o mutre mantém a floração durante quase todo o ano e suas flores são muito apreciadas pelas abelhas, produzindo um mel de ótima qualidade – expliquei ao meu amigo.

Ele já estava bem próximo da entrada das caixas, observando que algumas abelhas vinham carregadas de pólen e outras com geoprópolis ou resinas, como era o caso das moças-brancas, que carregavam resina de aroeira-pimenteira, para usarem contra algum inimigo que viesse a lhes incomodar. Essa resina tem um aroma

muito agradável e o mel produzido pelas flores da aroeira também possui sabor e aroma marcantes.

Eu havia separado dez caixas para abrigarem as novas divisões que iria realizar com o Asefe, para que ele veja todos os detalhes e tire as suas dúvidas sobre a multiplicação das abelhas jandaíras. Desses caixas, cinco eram modelo INPA e cinco, modelo Nordestina, pois eu estou realizando algumas pesquisas com esses dois modelos de caixas, para verificar qual deles apresenta as melhores condições no manejo com as abelhas nativas.

Mostrei as caixas e aproveitei para prepará-las para as multiplicações. Fiz os túneis com cera alveolada de ápis, cortei o acetato para colocar em baixo da tampa das caixas, preparei os potes que receberiam o alimento artificial, coloquei as proteções contra lagartixas e borrifei internamente as caixas com uma mistura que eu uso, à base de geoprópolis com álcool.

Como as minhas jandaíras estão em prateleiras, a uma distância de dez centímetros uma da outra, eu não tenho como manejá-las durante o dia, pois pode haver brigas, além das mordidas que sempre sobram para mim... As multiplicações que eu realizo com as abelhas, ocorrem sempre durante a noite, com o auxílio de uma lanterna.

De nada adiantaria eu apenas falar e explicar todas as etapas das multiplicações; a teoria é importante, mas, para ser aprendida, ela precisa ser praticada pelo meu pequeno aprendiz de meliponicultor. Ele participará das multiplicações, para ir tirando as suas dúvidas, no momento em que elas forem surgindo.

Asefe ficou tão empolgando ao saber que iria me auxiliar durante as multiplicações das jandaíras que não parava de falar sobre isso.

À noite, nos dirigimos para o quintal e eu pedi que ele segurasse a lanterna, enquanto eu retirava as caixas que seriam multiplicadas.

Disse-lhe que ele poderia fazer qualquer pergunta sobre as abelhas e sobre a multiplicação, que eu teria o maior prazer em responder-lhe. Então, ele já começou a tirar as dúvidas dele.

-Paulo, como será feita a multiplicação dessas jandaíras? Como eu saberei qual módulo devo transferir para a caixa nova?

-Veja bem, Asefe... Como eu tenho caixas de dois modelos (INPA e Nordestina), em cada uma delas a multiplicação é realizada de uma maneira. Certo? No modelo INPA, basta retirar o módulo com as crias nascentes e levar para a nova caixa.

-E quais são as crias nascentes, Paulo?

-São essas aqui, mais clarinhas e com o contorno bem definido, pois as abelhas já retiraram o cerume que cobria as células e restaram só os casulos.

-Entendi.

-Então, após identificar em qual módulo estão as crias nascentes, coloca-se esse módulo para iniciar a caixa nova; esse módulo será o ninho, em seguida, coloca-se o sobreninho e a melgueira.

-Tô entendendo...

-Como o módulo tem crias nascentes e potes de alimento (mel e pólen), eu não vou colocar alimento agora; vou aguardar uns dois dias para que as abelhas se organizem e começem a construção de novos potes, para armazenarem o alimento fornecido ou colhido das flores.

-Mais uma coisa, Paulo... Para que você coloca esses pedaços de cera de ápis?

-Essa cera será muito importante, pois é com ela que as abelhas irão iniciar as suas construções internas: potes para armazenarem alimento, invólucro e também usarão para fecharem alguma fresta que por acaso tenha ficado na hora da montagem da caixa.

-E as abelhas nativas gostam dessa cera das africanizadas?

-Sim. Algumas vezes, eu misturo a cera de ápis com o cerume da própria abelha nativa; mas, na maioria das vezes, eu utilizo essa cera pura e sempre tem boa aceitação pelas abelhas nativas... É claro que eu utilizo cera de ápis pura, sem misturas, pois existem, no mercado, ceras misturadas com parafina e outros produtos. Com certeza ceras assim não terão a mesma aceitação dessa que eu uso. Entendeu?

-Sim, entendi.

-Pronto. Essa multiplicação já está terminada, agora é só colocar essa caixa-filha no local onde estava a caixa-mãe, para receber as campeiras, e colocar a caixa-mãe ao lado.

-Ao lado? Mas, Paulo, você não leva a caixa-mãe para longe da nova caixa, não?

-Isso vai depender da espécie que está sendo multiplicada... No caso da jandaíra, não. E, como essas abelhas já vivem em comunidade, pois existem muitas caixas bem próximas umas das outras, elas se ajudam mutuamente e a colocação da caixa-mãe ao lado da caixa-filha não será problema e sim ajudará na organização da nova família. Será como uma enxameação forçada.

-Muito interessante! Isso eu ainda não sabia...

-E então, Asefe o que você achou de sua primeira multiplicação de jandaíras – perguntei enquanto já tirava a próxima caixa da prateleira...

-Eu achei muito fácil, tirei muitas dúvidas e também não levei nenhuma mordida de abelha – disse-me sorrindo.

-Que bom que você gostou e não levou nenhuma mordida; esse é um dos motivos das multiplicações noturnas...

Passamos, então, para a multiplicação tradicional em caixa monobloco.

-Agora, essa caixa aqui é modelo Nordestina (horizontal) e a maneira de multiplicá-la é diferente do modelo INPA; pois como ela não tem módulos, o meliponicultor tem que “meter a mão na massa” e retirar os discos nascentes que serão usados na multiplicação.

-Sei: são daqueles clarinhos que eu vi na outra caixa...

-Sim, sempre serão usados esses discos nascentes nas multiplicações, pois as abelhas estão prestes a nascer, inclusive a princesa que poderá ser a nova rainha dessa colônia.

-Poderá ou será a próxima rainha?

-Poderá. Pois, para que uma princesa se torne rainha, antes, ela tem que ser aceita pela elite dessa colônia... Só depois de ser aceita, ela

fará o voo nupcial, acasalará e retornará para a sua colônia, de onde não mais sairá por si só.

-Isso, eu ainda preciso entender melhor...

-Vamos continuar com a multiplicação e você pode ir perguntando, sempre o que quiser... Certo?

-Certo. Vamos, sim...

-Veja, nessa caixa os discos nascentes, estão logo em cima da “pilha” de discos e isso vai facilitar muito o trabalho... É só soltar os discos das laterais da caixa, com a ajuda de uma faca de serra, com os movimentos, para cima e para baixo ... assim... E depois, eu “enfio” a mão por baixo, com cuidado para não danificar os discos novos, nem machucar ou matar a rainha-mãe, e retiro esses discos...

-Dá pra ver a rainha?

-Veja, Asefe, a rainha está aqui sobre os discos novos...

-Que grandona ela é – falou o garoto com o rosto bem próximo da caixa e segurando a lanterna para “clarear” mais a rainha...

Ficou olhando atentamente e, depois, exclamou:

-Ela é muito bonita, Paulo! ! !

-Sim, ela é realmente bela, afinal ela é uma rainha – brinquei com ele...

Ele sorriu e nós continuamos o trabalho.

-Os discos já estão na minha mão; agora, pode “clarear” na caixa nova?

-É pra já...

-Vamos colocar esses discos maduros sobre essas bolinhas de cera, que estão na caixa nova; cobrir com a cera de ápis, formando um invólucro... Retirar também alguns potes de alimento, sem danificá-los, e também colocar nessa caixa... Algumas vezes, eu faço potes artificiais com cera de ápis derretida e coloco nas novas divisões, as abelhas colocam alimento nesses potes e lacram... Isso também ajuda muito as abelhas, pois diminui o trabalho delas nas construções internas e sobra mais tempo para os trabalhos de campo: coletar pólen e néctar das flores, além de barro, geoprópolis, resinas, ...

-Quantos discos de cria eu devo usar para realizar uma multiplicação, Paulo?

-Aí, também vai depender da espécie que eu esteja multiplicando... No caso da jandáira, como ela é uma abelha do semiárido nordestino, portanto bastante rústica, eu posso usar um, dois, três ou quatro

discos de cria, que a minha multiplicação terá grandes chances de ter sucesso...

-Grandes chances? E toda multiplicação não vai ter sucesso não, Paulo?

-Nem sempre. Algumas vezes, podem ocorrer problemas após uma multiplicação. Por exemplo: A família pode ser atacada por forídeos, por outras abelhas para saquearem seu estoque de alimento e cerume; e, também, essa família pode ter problemas com a sua elite, que não aceita nenhuma princesa para tornar-se rainha e as que nascerem serão mortas e jogadas para fora da caixa...

-Nossa!!! Elas jogam pesado mesmo...

-Realmente. Quando existe algum desequilíbrio interno, o meliponicultor deve interferir, senão a família perecerá.

-Você já teve esse problema com suas jandaíras?

-Sim. Esse ano, eu tive esse problema com três multiplicações. Após nascerem todas as abelhas dos discos, as “obreiras”, como são chamadas essas abelhas da elite que interferem na escolha dessa nova rainha, mataram todas as princesas que nasceram e começaram a botar ovos.

-Ué! Quem bota ovos não é só a rainha, não?

-Não. As outras abelhas fêmeas da família podem botar ovos, inclusive esses ovos são consumidos pela rainha-mãe; são os chamados ovos alimentares... Nesse caso, elas estão botando ovos, mas deles só nascerão machos, pois são gerados de ovos que não foram fecundados...

-Tá. Esses ovos são colocados nas células como alimento da rainha... Como não tem rainha pra comer, eles acabando virando zangões?

-Sim. A postura das obreiras dará origem aos zangões, além disso, a própria rainha-mãe também pode botar ovos não fecundados que também darão origem a zangões.

-Existem diferenças nesses discos de cria das obreiras?

-Sim, existem algumas diferenças... As células de cria são disformes, ou seja, não seguem um padrão de construção, como nos discos de cria normais: uns são baixos, outros altos, alguns pequenos, outros maiores, ... Também, é possível observar as abelhas de cabeça para baixo, com o corpo quase todo dentro das células... Esse é mais um sinal de postura de “obreira”.

-Quantas abelhas adultas você usa em cada multiplicação de jandaíras?

-Em média, duzentas abelhas adultas, mas esse número pode ser menor... Eu já fiz multiplicação usando cinquenta abelhas adultas e essa multiplicação prosperou. Como eu já te falei, as jandaíras são bem rústicas e fortes, como os sertanejos.

-Paulo, como você sabe quantas abelhas ficam na caixa-filha?

-Eu costumo fazer o seguinte: como eu sei que, em média, uma colônia forte de jandaíras possui 600 indivíduos adultos, eu levo a caixa-mãe para um pouco distante de onde está a caixa-filha e dou algumas batidinhas em sua lateral. Com isso, as abelhas irão sair da caixa para defender a família. É aí que eu devo ter o cuidado de observar a saída dessas abelhas, para que elas saiam menos da metade... Essas abelhas que saíram vão para o local onde estava a caixa-mãe e entram na caixa-filha.

-Ah! Então, preciso prestar atenção nisso também...

-Com certeza! É muito importante observar a quantidade de abelhas adultas que serão doadas à nova família. Pois, não poderão ser

muitas, senão vai enfraquecer a caixa-mãe; nem poucas, porque isso poderá inviabilizar o sucesso da nova família.

O menino ficou imóvel, muito pensativo.

-O que você está achando do manejo com as abelhas nativas, Asefe?

-Eu pensei que era mais simples, mas estou vendo que existem muitos segredos das abelhas, que só se aprende com o tempo, não é Paulo?

-Com o tempo, com o manejo e com a observação diária das abelhas, pois elas nos ensinam muito – completei.

-Eu também vou tentar aprender com elas.

-Essa caixa, também já está pronta. Vou colocá-la na prateleira e por hoje está bom. Amanhã multiplicamos o restante, certo?

-Certo, eu já vi muita coisa hoje... Tenho que pensar sobre as coisas que você me disse.

## *CONTANDO AVENTURAS*

Quando entramos em casa, Asefe quis falar com seus pais pela Internet e contar-lhes as novidades que já tinha visto.

Aproveitei a oportunidade e mandei dizer que nós iríamos para o Cariri, dali a dois dias, pois eu iria entrar de férias naquele dia.

Eu ainda tinha que pegar o Jeep na oficina, pois mandei fazer uma boa revisão nele, afinal a nossa viagem será longa e por estradas de chão batido, pedras, buracos, areia e mais alguns desafios que só o nosso semiárido nos impõe.

Esses dois dias se passaram muito rápido e, após realizarmos as multiplicações das jandaíras, o meu amigo já se sentiu mais confiante e me fez uma pergunta que muito me alegrou.

-Paulo, quando nós chegarmos ao sítio de sua família, eu posso multiplicar uma família de jandaíras?

-Claro que pode... Inclusive, você vai escolher algumas famílias que estão prontas para serem multiplicadas e poderá multiplicar algumas delas.

-Vou fazer o possível para acertar...

-Então, vamos dormir cedo hoje, pois amanhã vamos sair de madrugada, para evitar o sol muito quente durante a nossa viagem...

Como as nossas “coisas” já estavam todas arrumadas e dentro do Jeep, saímos de João Pessoa às quatro horas da manhã.

## *RUMO À SERRA*

Asefe estava animado com a viagem e não parou de conversar.

-Paulo, daqui para o sítio de sua família, nós vamos gastar quanto tempo de viagem?

-Como eu vou devagar, vamos gastar umas quatro horas e meia de viagem, pois vamos parar em Campina Grande para tomarmos café e abastecer o carro. A distância que vamos percorrer até o sítio é de aproximadamente 230 quilômetros.

-Que cidade é essa, Paulo?

-Essa é Campina Grande, considerada a maior cidade do interior nordestino... É aqui que vamos tomar o nosso café da manhã.

-Certo, eu vou querer pão com queijo de manteiga e café com leite.

-Sim, você deve mesmo estar com fome, pois já são seis horas e ainda não tomamos café.

Entramos no pátio do posto de combustíveis e Asefe só olhava para o lado onde possivelmente estaria o ‘queijo de manteiga’ que ele queria conhecer.

-Pronto, é aqui que vamos tomar o café, na lanchonete desse posto de combustíveis, pois a comida aqui é boa e eu aproveito e abasteço o Jeep.

Já diante do frentista, fui falando:

-Por favor, amigo complete o tanque e calibre os pneus, que nós vamos tomar café aqui na lanchonete...

Enquanto isso, Asefe já havia encontrado a lanchonete e estava diante da vitrine procurando a ‘queijo de manteiga’. Esperava ansioso que eu encomendasse a refeição:

-Bom dia! Por favor, nós queremos dois pães com queijo de manteiga, na chapa, e dois cafés com leite.

-E aí Asefe, o que você está achando da viagem?

-P'ra mim está ótima e depois desse lanche, ficou melhor ainda... – falou o garoto, sorrindo e ainda mastigando seu lanche.

Partimos para a segunda parte da viagem, com destino ao semiárido paraibano...

-Paulo, a paisagem aqui é diferente da paisagem entre João Pessoa e Campina Grande; por quê?

-Porque, entre João Pessoa e Campina Grande, existe a transição entre Mata Atlântica e Caatinga; e, a partir de Campina Grande até o “Cariri”, é só caatinga.

-Caatinga? Sorriu...

-Sim, caatinga... Esse nome é indígena e significa “mata branca”, pois durante a estação das secas as árvores desse bioma perdem as folhas e, apenas umas poucas mantém o verde; dentre elas, o juazeiro, a algaroba e o umbuzeiro.

-Muito interessante!!! Realmente, essa viagem está sendo um grande aprendizado p'ra mim... Mas... Paulo, qual a época das secas? Elas ocorrem também lá na tua casa, na Capital?

-A época das secas geralmente ocorre entre os meses de junho a dezembro; isso nos anos em que ocorrem chuvas, pois existem anos em que as chuvas não vêm e a seca castiga o semiárido durante o ano todo... Lá em João Pessoa, como é uma região de litoral, as chuvas caem com uma certa normalidade e não existem secas lá; apenas alguns meses onde as chuvas diminuem de intensidade.

Asefe deve de ter ficado pensando no ciclo das águas, pois permaneceu em silêncio até o local em que deveríamos sair da estrada asfaltada.

-Pronto, Asefe, agora vamos pegar essa estrada de chão batido, por pelo menos uns quarenta minutos, até chegar ao sítio.

-Que bom! Eu estou gostando, pois estou me sentindo em um rali; com esses solavancos do Jeep...

-Pronto. Chegamos à primeira porteira... Desça e vá abrir.

E ele saltou solícito.

-Como é que eu abro?

-Puxe o ferrolho grande, que a porteira se abre – gritei.

Asefe gastava os olhos sobre tantas novidades.

-Paulo, que pedras tão bonitas são essas, parece que estão formando uma parede...

-Sim, essas pedras formam o que chamamos de “muro do meio do mundo”, que é essa construção que se estende por quase cem quilômetros de extensão e para todos dessa região é um grande mistério; quanto à sua origem... Alguns estudiosos dizem que elas foram colocadas assim por índios...

-Índios? Umas pedras desse tamanho? Difícil acreditar...

-É, realmente, esse continua sendo um mistério, apesar das algumas teorias existentes.

E assim fomos rodando até a segunda porteira:

-Agora, você já sabe como abrir?

-Sim, agora já sou craque em abrir porteiros – disse enquanto puxava a porteira.

-Agora, estamos perto do sítio. A partir dessa porteira, começa a propriedade da minha família; falta pouco pra chegarmos à casa de minha mãe.

Ao passarmos por baixo das duas aroeiras, que formam um arco natural, já avistamos a casa, a cocheira, o curral, o chiqueiro das cabras e o meliponário das jandaíras, que fica atrás da casa de minha mãe.

## *DE VOLTA AO PASSADO*

-Chegamos... E aí, foi demorado, Asefe?

-Até que não, pois eu estava admirando a paisagem, que quase nem percebi o tempo passar.

-Bênção, mãe...

-Deus te abençoe... Fizeram boa viagem?

-Sim, graças a deus. Mãe, esse é o Asefe... Aquele menino que eu te falei pelo telefone que viria passar as férias aqui no sítio conosco...

-Seja bem-vindo, meu filho... "A casa é sua".

-Vamos tirar a bagagem e fazermos um lanche; vocês devem estar com fome...

-Não, mãe, nós comemos em Campina.

-Sim, mas já faz tempo... Já está na hora de comer novamente.

-Eu vou colocar o Jeep embaixo do umbuzeiro, depois eu tiro o resto das coisas. Asefe, você deve estar com calor... Vá tomar um banho, o banheiro é ali...

-E aqui tem chuveiro?

-Tem, sim. Essa água é de um poço que temos lá perto do riacho. A água chega a essa caixa d'água aqui, trazida por uma bomba.

-Que bom! Minha mãe disse que, aqui, ia ter que tomar banho de bacia... Mas, vejo que a modernidade está chegando aqui – falou, com cara de alívio.

-Que água fria é essa, Paulo?

-A modernidade aqui não é tanta... Não temos chuveiro elétrico e essa água da caixa é muito fria mesmo – disse-lhe enquanto sorria de seus gritos com a água fria caindo em sua cabeça.

Enquanto Asefe se banhava, voltei minhas preocupações para com o meliponário:

-Mãe, a senhora sabe como estão as abelhas?

-Paulo, pela movimentação delas, devem estar muito fortes, pois não param um instante...

-Que bom! Nós vamos multiplicar as famílias que estiverem prontas p'ra isso...

-Certo... As caixas que você encomendou à Zé Miguel já chegaram; estão no armazém.

-Ele fez todas?

-Ele mandou cinquenta. Eram quantas?

-Eu encomendei cinquenta mesmo... Se eu não usar todas aqui, vou levar umas p'ra João Pessoa, p'ra multiplicar mais algumas famílias que estão bem fortes lá...

-E aí, Asefe... A água estava fria?

-Fria? Estava gelada... Eu quase desisti do banho.

-Deixe de ser mole, onde já se viu um menino desse tamanho com medo de água fria?

-Mole? Quero só ver na hora que você for tomar o seu banho...

-Eu vou tomar banho depois de dar uma volta por aí, para ver como estão as coisas... Nesse sol quente, um banho de água fria vai ser é bom.

-Você quer lanchar ou quer dar uma voltinha comigo? Eu vou ali na casa de vovó, tomar a bênção à ela.

-Eu vou com você.

-Então vamos, lá...

-Aquela casa grande ali é de sua avó, Paulo?

-É sim.

-Quem mora lá?

-Minha avó, que vai completar 101 anos, uma tia minha e a menina que ajuda nas lutas da casa...

-E seu avô?

-Meu avô já faleceu... Ele viveu até 104 anos de idade.

-104 anos? É muita idade...

-Sim... As pessoas que moram por aqui vivem muito, pois elas não têm grandes preocupações; alimentam-se de forma saudável, estão sempre ativas e isso lhes conferem uma ótima qualidade de vida.

-Então, aqui é muito bom de morar...

-O problema aqui é a seca... Pois, nos anos em que a chuva não vem, os sertanejos sofrem para conseguirem alimentar os animais... E essas grandes estiagens acontecem com frequência.

Asefe ficou pensativo.

- Asefe, aquela mulher que está debulhando milho ali é minha avó Severina.

E ela parou o trabalho para nos receber.

-Bênção, vó. Bênção, tia...

-Deus te abençoe... Quem é esse menino, que eu não estou conhecendo?

-Vó, ele é filho de um amigo meu, que veio conhecer o Nordeste e passar uns tempos por aqui... Ele está estudando as abelhas nativas e quer aprender sobre as abelhas daqui...

-Tu já mostraste tuas uruços a ele?

-Ainda não. Eu vim logo lhe tomar a bênção e saber como a senhora está.

-Meu filho, eu estou como Deus permite.

-Então, está bom demais, vovó. Porque Deus só permite coisa boa.

-Mas, Paulo, a idade já não me ajuda... Eu nem consigo mais ir até o curral...

-Mas, vovó é por causa dessa subida que é ruim mesmo.

-É, pode ser...

-Eu já vou, vovó. Depois, nós voltamos aqui.

-Já vão? Não tomaram nem um cafezinho...

-Quero não, vó. Eu quero mostrar o meliponário à Asefe.

## *MELIPONÁRIO CARIRI*

Apesar de ter simpatizado muito com a vovó Severina, Asefe estava com o pensamento nas abelhas...

-Paulo, sua avó perguntou se você me mostrou as uruços... Você cria uruços aqui?

-Não... Eu só crio uruçu nordestina em João Pessoa. Mas, aqui, as jandaíras são conhecidas como uruços.

-Sim. Entendi. As abelhas nativas têm vários nomes diferentes, dependendo da região, não é?

-Exatamente. Os nomes populares variam muito de uma região para outra. Por isso, é importante sempre saber o nome científico da espécie.

Enquanto estávamos voltando para a casa da minha mãe, Asefe olhava atentamente para todos os detalhes: a cerca, as plantas e os animais que estavam por perto despertavam a sua curiosidade... Parecia hipnotizado por tantas novidades.

Quando eu abri a “porteirinha” que dá acesso à casa da minha mãe, já chamei Asefe para dar a volta na casa, onde estava o meliponário das jandaíras.

-É aqui que eu mantengo as minhas jandaíras.

-Que bonito! Quantas caixas você tem aqui, Paulo?

-Nesse meliponário, eu tenho cinquenta caixas de jandaíras; mas, eu tenho outros meliponários com outras espécies de abelhas nativas da caatinga.

-Quais são as principais plantas que fornecem néctar às abelhas?

-Existem muitas plantas da caatinga boas produtoras de néctar, mas algumas delas se destacam pela quantidade e pela qualidade do néctar e, consequentemente, do mel produzido pelas abelhas: a malva, o marmeiro, o mufumbo, o cipó uva, a maničoba e a aroeira são as principais plantas produtoras de néctar, daqui do semiárido.

-Esses nomes são difíceis de aprender... – falou Asefe, enquanto aproximava-se mais das caixas das jandaíras.

-Realmente, esses nomes que te falei são os nomes populares dessas plantas, mas, com o tempo e a observação das mesmas, você aprenderá a reconhecer cada uma delas.

-Acho que sim...

Deixando para trás os nomes complicados, Asefe retomou ao assunto que mais lhe interessava:

-Paulo, essas jandaíras produzem quantos litros de mel por ano?

-A produtividade vai depender das flores das plantas da caatinga que já te falei e de mais algumas que eu implantei aqui, como o mutre, que você viu lá em João Pessoa e o amor-agarradinho, que é esse aqui estendido sobre o telhado do meliponário... Em um ano de

chuvas regulares, as jandaíras podem produzir até dois litros de mel por ano. E esse mel é muito valorizado, por suas propriedades medicinais.

-Qual é o valor de um litro desse mel?

-Por ser um produto diferenciado, por apresentar propriedades medicinais e ser produzido em uma região onde não existe o uso de agrotóxicos e defensivos agrícolas, o que torna orgânico esse mel, ele é vendido por R\$150,00 o litro.

-Ele tem um alto valor! Você consegue vender toda a sua produção, com facilidade, Paulo?

-Sim... Muitas vezes tenho que realizar mais de uma colheita de mel por ano, para atender aos meus clientes.

-Mas, se você colher todo o mel, como as abelhas irão sobreviver, sem o alimento?

-Quando eu colho o mel, se ainda existirem boas floradas, as abelhas logo estocarão mais alimento... Mas, se não mais existirem flores disponíveis, eu realizo a alimentação artificial de subsistência.

-E quais alimentos você fornece para as abelhas?

-Eu forneço, essencialmente, dois tipos de alimentos: o energético e o proteico. O energético é produzido à base de açúcar e água, na proporção de duas partes de água para uma parte de açúcar. Eu levo essa mistura ao fogo e acrescento o suco de um limão e deixo ferver por vinte minutos. Após esfriar, eu acrescento uma pitada de sal de cozinha e sirvo para as abelhas em alimentadores externos, pois a movimentação das abelhas nesse “entra e sai” da caixa faz a rainha aumentar a sua postura, fortalecendo toda a família e preparando-a para a época das novas floradas. Quando eu percebo que as abelhas não estão conseguindo encontrar fontes de pólen, que é essencial para a manutenção da família, eu forneço uma mistura de pólen de ápis, misturada com “xarope”. Eu faço pequenas bolas, do tamanho dos potes de alimento das jandaíras; espeto em um palito e mergulho essas bolas em cera de ápis derretida, formando uma camada protetora de cera e forneço às abelhas.

-Paulo, e as abelhas aceitam bem esses alimentos?

-Aceitam sim.

-Mas, Paulo, se você alimenta as jandaíras, como é que você vende mel? Esse mel não fica misturado ao xarope?

-Veja bem... As jandaíras são alimentadas durante o período das estiagens; mas, quando se aproxima o período do início das chuvas, eu suspenso a alimentação artificial, para que as abelhas consumam o alimento estocado e possam reabastecer os potes com o néctar das flores.

-Ah! Entendi...

Nesse momento, eu chamei Asefe para ver algumas das plantas que eu tinha lhe falado.

-Olhe aqui: essas pequenas flores amarelas são as flores de malva, uma das mais importantes plantas produtoras de néctar do semiárido nordestino.

-Mas, essas flores tão pequenas produzem assim tanto néctar? – perguntou-me com um ar de desconfiado...

-Sim, essas pequenas flores produzem muito néctar e um néctar de ótima qualidade; as jandaíras adoram essas flores.

Ele ficou tão interessado nas flores da malva, que tive de interromper:

-Vamos ali, ver outra importante produtora de néctar...

-Paulo, eu já vi essas flores brancas lá em João Pessoa – disse-me Asefe, sorrindo...

-Não, Asefe aquela planta que você viu lá em João Pessoa era o mutre; eu tenho algumas plantas dela aqui. Mas, esse é o marmeleiro, que tem as flores bem parecidas com as flores do mutre e também é um ótimo produtor de néctar. O mel produzido a partir dessas flores é bem “clarinho” e muito delicioso.

E, enquanto caminhava para outro meliponário, que fica na sombra de uma imburana centenária, comentei:

-A caatinga é um ótimo lugar para se produzir mel e a meliponicultura pode se tornar uma importante atividade para gerar renda e ajudar a manter o homem no campo.

Chegando à imburana, o aprendiz perguntou:

-Paulo, você cria arapuá, aqui?

-Não, Asefe. Essas abelhas pretinhas são as cupiras. O nome científico delas é Partamona seridoensis. Elas são nativas do semiárido e também produzem um mel considerado medicinal, usado principalmente para tratar tosse e resfriados.

-Eu não conhecia essa abelha, Paulo.

-Sei... Elas não são muito conhecidas da maioria dos meliponicultores, mas para mim são muito boas, apesar de serem muito defensivas e “morderem” forte...

-Elas também produzem dois litros de mel por ano?

-Não. Elas produzem em média um litro de mel por ano e seu mel também é muito procurado e valorizado. Eu não consigo atender aos pedidos dos meus vizinhos e familiares, principalmente na época das chuvas, quando os resfriados e tosse são mais frequentes.

-Interessante essa entrada “enfeitada” com barro... Por que elas fazem isso? – indagou Asefe.

-As cupiras nidificam em cupinzeiros de barro. E elas, como todas as outras abelhas nativas, enfeitam a entrada das suas moradias para facilitarem o pouso e decolagem, para se defenderem de inimigos e

para facilitarem a identificação e a localização da colônia. Elas usam diversos materiais para essa finalidade; o barro e geoprópolis são muito usados.

-Muito interessante! Eu pensava que essas entradas não tinham um motivo para serem construídas; que elas faziam para enfeite mesmo...

-Em uma colônia de abelhas, tudo tem um motivo de ser, pois elas não podem gastar sua preciosa energia apenas para embelezar suas moradias...

## *HOSPITALIDADE*

O sol já castigava, então, falei:

-Asefe, o sol já está bem quente e é melhor irmos para casa, à tarde vamos dar uma volta por aí; eu quero te mostrar algumas colônias naturais. Depois, eu te levo aos outros meliponários...

-Tá certo. Realmente, está muito quente, eu preciso de um banho frio, daqueles...

Após tomar o banho e almoçar, o pequeno aprendiz de meliponicultor se rendeu ao cansaço e minha mãe lhe ofereceu uma rede, para que ele pudesse descansar. Eu armei a rede na varanda da casa, do lado da sombra, onde corria um vento bem convidativo... E meu amigo logo estava dormindo.

Como também estava bem cansado, eu aproveitei e dormi em outra rede, afinal o dia tinha sido bem movimentado e um descanso “caia” bem...

E o dia vai desaparecendo no horizonte e a noite caiu, com seu frio característico das regiões áridas...

No dia seguinte, eu me levantei bem cedo e, apesar do frio que estava fazendo, acordei o meu amigo, que quase não teve coragem de se descobrir...

-Asefe, levante-se, escove os dentes e vamos ao curral, pois o vaqueiro já está ordenhando as vacas e nós vamos lá tomar leite puro e quente...

-Bom dia, Eduardo!

-Bom dia, Paulo, tudo em ordem?

-Tudo. Esse é um amigo meu que vai passar um tempo aqui conosco... Ele está querendo aprender sobre as abelhas do semiárido e também os costumes locais...

-Tá certo! Aqui, ele tem muito p'ra ver. Ele já viu as tuas abelhas?

-Já viu algumas delas... Agora, nós queremos tomar leite.

-Certo. Cadê o copo?

-Aqui está... Mas, deixe-me colocar um pouco de mel de jandaíra nele, para você tirar o leite em cima...

-Pronto. Aqui está o primeiro copo de leite, adoçado com mel de jandaíra... Realmente, isso é um importante costume dos sertanejos. Seu amigo vai gostar.

-E aí, Asefe? O que você achou desse leite com mel de jandaíra?

-Achei muito gostoso. Nem imaginava como seria bom... Quero mais. E, prontamente, Eduardo encheu o copo novamente.

-Obrigado, Eduardo! Agora, nós vamos ver mais abelhas... Vou levar Asefe para ver o meliponário das manduris.

-E aí, Asefe: você encheu a barriga?

-Sim, enchi.

-Agora, vamos em direção ao tanque de pedras, onde está o meliponário das manduris rajadas.

-O que é tanque de pedras, Paulo?

-É uma formação rochosa; a natureza esculpiu buracos onde a água das chuvas fica armazenada.

-Por que você não coloca os meliponários perto uns dos outros Paulo?

-Porque se eles forem perto uns dos outros, as abelhas encontrarão dificuldades em conseguir néctar e pólen para todas elas... Por isso, eu costumo instalar os meliponários um pouco distante uns dos outros.

-É para diminuir a competição por alimento, não é isso?

-Sim, exatamente isso.

## *MELIPONÁRIO DAS MANDURIS*

-Olhe ali onde estão as manduris... – falei, já bem próximo do meliponário.

-Por que essas caixas são bem menores que as das jandaíras? – perguntou o meu aprendiz, com um pouco de receio de aproxima-se das caixas...

-Porque as manduris são as menores melíponas que existem. Por isso, a caixa racional usada para essa espécie é menor em relação à das jandaíras.

-Mais uma coisa, Paulo... A movimentação delas é bem menor, também.

-Sim, elas são muito tímidas e nós estamos conversando aqui, por isso elas escondem-se no interior da caixa e evitam sair... Essa é um das abelhas mais ameaçadas de extinção do semiárido nordestino;

por isso, eu tenho muito cuidado com elas e sempre procuro multiplicá-las para garantir a sobrevivência da espécie.

-Que bom que você está cuidando delas, Paulo... Seria muito triste se elas fossem extintas. Elas são tão bonitas e mansas...

-São sim. Elas são umas das mais belas abelhas do semiárido, além de produzirem um mel de ótima qualidade. Por isso, elas são muito caçadas por meleiros...

-Meleiros? O que é isso, Paulo?

-Meleiros é o nome dado aos caçadores de mel que cortam as árvores para retirar o mel das abelhas. Essa prática é muito prejudicial para todo o meio ambiente, pois, além de matarem as abelhas, eles também derrubam as árvores, e esse é um dos principais motivos para a diminuição das espécies de abelhas nativas.

-Mas, o que pode ser feito para que essas pessoas parem de caçar as abelhas nativas?

-O principal é a conscientização. É preciso mostrar para elas que, agindo assim, elas estarão destruindo a fonte de renda delas mesmas... O correto é criar essas abelhas em caixas racionais e

manejá-las para produzir mel de forma sustentável e ecologicamente correta. Eu já ensinei as técnicas corretas a muitos “ex-meleiros” e, hoje, eles já conseguem ter uma boa fonte de renda sem ter que destruir a natureza.

-Realmente Paulo, essa é a melhor maneira de salvar as nossas abelhas nativas e proteger as matas.

Eu fiquei muito feliz ao perceber que o meu pequeno aprendiz já pensava e agia como um verdadeiro meliponicultor.

Após mostrar as manduris, ainda fomos ver as abelhas que ficam em suportes individuais: tubibas, moça-branca, mirins, canudo, ... Pois as trigonas são muito “territorialistas” e geralmente, não “gostam” de ficarem próximas umas das outras; brigam muito...

Depois de observarmos as trigonas e de explicar-lhe um pouco dos hábitos dessas abelhas, eu levei o meu pequeno meliponicultor para ver uma colônia natural de jandaíras, que está instalada em uma imburana de cambão, bem próximo à cerca de arame, que circunda o plantio de palma.

-Veja Asefe... Essa jandaíra está aqui nessa imburana há muito tempo... Eu já usei suas “campeiras” algumas vezes para realizar multiplicações e ela continua forte, bela e imponente...

-É muito interessante elas escolherem esses galhos para fazerem suas moradias, não é Paulo?

-Sim. E como eu já lhe falei, a imburana é a árvore mais usada para a nidificação da maioria das abelhas nativas do semiárido nordestino.

## *UM NOVO MELIPONICULTOR E MAIS UM AMIGO*

Asefe realizou algumas multiplicações nas jandaíras e nas manduris e mostrou-se seguro e atento ao aprendizado.

A última noite no cariri paraibano deixou Asefe com um misto de ansiedade e alegria, pois como ele estava de partida, ficamos sentados na varanda da casa, observando o céu estrelado e ouvindo os sons da natureza... Conversamos até tarde da noite.

Esses dias passaram-se rapidamente e meu amigo mostrou-se um ótimo aprendiz de meliponicultor: atento, obediente, dedicado,

amante das nossas abelhas nativas e com muita vontade de aprender a arte da meliponicultura. Com certeza, ele será um grande meliponicultor e ajudará a defender e divulgar as nossas abelhas.

A viagem de volta a João Pessoa foi mais rápida. Asefe já estava com saudade de seus pais, mas disse que gostaria de passar mais algum tempo por aqui... Ainda havia muita coisa para ver e aprender. Aquele garoto que havia chegado aqui há uma semana já parecia mais maduro e seguro ao falar sobre as abelhas nativas.

Naquele momento, eu pude ver que a minha caminhada teria seguimento; e, com a ajuda desses pequenos meliponicultores, as abelhas nativas teriam um futuro promissor... E eu havia acabado de ganhar mais um amigo.

Convidei Asefe para voltar no final do ano e ele ficou muito contente com o convite... Disse que faria o possível para voltar á Paraíba.

Como não poderia ser diferente, eu presenteei meu amigo com os méis das abelhas nativas do semiárido nordestino, para que ele possa apresentar essas delícias aos familiares e aos amigos dele. Assim, mais pessoas poderão compartilhar dessa viagem à Paraíba.

O avião decolou levando Asefe, mas sua força, seu amor pela natureza e sua alegria continuarão aqui comigo!